

OPINIÃO

Um dia a casa cai


 MAURÍCIO CORRÊA
Advogado

Imagem que se tem é de que tudo corre bem nos domínios do governo. As adversidades vividas repousam nos arquivos do passado. Foram meros acidentes de percurso de inexperiências ultrapassadas. Ungido pelas graças do povo, Lula pode dar-se ao luxo de pegar seu avião e se mandar para qualquer parte do planeta. Assim tem procedido com invulgar frequência. Tal como fez agora, ao dar um pulo na China e propagar a Copa do Mundo de 2014. Ninguém o molesta com censuras. Aboletado no trono da ventura, deixa o governo se mover ao bel-prazer dos acontecimentos. Confiar na infalibilidade dos oráculos da sorte.

Sabe-se que essa invulnerabilidade o poupou das artimanhas do mensalão. Conseguiu salvar-se do peso da lei ao livrar-se da ação penal a que os réus do enredo responderam no Supremo Tribunal Federal por práticas lesivas aos cofres públicos. Seria demasiado repetitivo lembrar capítulos da história. Todos se recordam das circunstâncias em que se deram, tendo por palco gabinetes contíguos do presidente. Basta ver a relação dos réus da ação para ver que nela se acham muitos ex-ministros que compunham o mais alto escalão presidencial.

Assim como sucedeu com o mensalão, o alheamento do presidente se encarrega de responsabilizar-se por mais outra omissão. Não se sabe a que título, depois de tanto tempo de pacificação nacional, reinicia-se no Ministério da Justiça discussão

sobre a anistia já concedida a todos por lei. Pretende-se, com a iniciativa, que os torturadores da época sejam punidos pelos atos de violência praticados. Fala-se que não seria o caso de mexer na legislação existente, mas, sim, criar mecanismos legais que permitam a aplicação de sanções penais a todos os agentes que praticaram torturas contra cidadãos.

Ora, anistia quer dizer perdão. Perdão que vale tanto para um lado quanto para o outro. Dizer que, na Argentina e no Chile, torturadores foram e estão sendo punidos, não serve de comparação para o Brasil. Temos particularidades, costumes e práticas que, em substância, diferem deles. A formação histórica e cultural do povo brasileiro, com todos seus conceitos epistemológicos, é outra. A anistia ampla, geral e irrestrita, como pregava o bordão da época, defendido pelas esquerdas, traduziu o entendimento da sociedade, pondo coberto às dissidências existentes, de tal sorte que as divergências sobre o fato fossem definitivamente esquecidas.

As manifestações que vieram a público após a malsinada proposição põem em foco a falta de bom senso de seus autores. Muitas organizações da sociedade passaram a se reunir para tratar do tema. Embora a idéia seja absurda, bastou que fosse agitada para criar clima de intranquilidade. Houve, no governo militar, seqüestros de autoridades por parte de segmentos da esquerda radical. É o caso de que foi vítima o então embaixador americano Charles Burke Elbrick, trocado, em operação custosa, por militantes de esquerda presos ou procurados pelo sistema.

Seria defasado que militantes de esquerda também fossem incluídos, depois de todo o período decorrido, como sujeitos de tipos penais somente agora a serem estabelecidos. Não teria o menor sentido. Há três

décadas o assunto foi tratado pelo Congresso Nacional e equacionado segundo sua livre deliberação. A reassunção da idéia é disparate e só serve para gerar aflição social. Das duas, uma. Ou o presidente tinha conhecimento do que se tramava no Ministério da Justiça e ficou quieto, ou não sabia e deixou que a insinuação tomasse fôlego.

É mais do que evidente que a lei que disciplina escutas telefônicas tem que ser revista. Impõe-se encontrar modelo capaz de evitar os excessos cometidos. Com a ordem de interceptação telefônica ordenada pelo juiz federal da Operação Satiagraha, como apurado por reporteres da *Folha de S. Paulo*, senhas para escutas foram liberadas. Determinou o magistrado que somente as pessoas que eram mencionadas em ligações suspeitas é que podiam ser grampeadas. Entretanto, poderia a Polícia Federal fazer as escutas que quisesse, pois tal critério seletivo é passível de burla.

Não foi sem razão que as companhias telefônicas recorreram ao STF para que não fossem obrigadas a entregar à CPI do Grampo a relação das quebras de sigilos telefônicos ordenadas. Seria expor a privacidade de centenas de pessoas a número ilimitado de congressistas, com risco para a imagem de pessoas que têm tal direito garantido pela Constituição. Não fosse a determinação do presidente do STF em conceder habeas corpus a acusados da citada operação, ninguém seria capaz de prever até onde iria a sanha dos que a comandavam.

Com a síntese desses casos, dá para se ver como é relevante que o presidente comande de fato o país. Tanto na hipótese dos grampos telefônicos, quanto na sandice da tentativa de revirada na anistia, sua ação se torna imprescindível. Na hipótese do projeto do MJ, ou o presidente o assume declaradamente, ou o fulmina no nascedouro, antes que seja tarde.


 ARI CUNHA
visto, lido e ouvido

Desde 1960

 ari.cunha@correioweb.com.br
com Circe Cunha // circe.cunha@correioweb.com.br

Brasil satisfeito

Isto de o Brasil patrocinar Olimpíada parece pouco provável. A nossa história é pequena, com apenas 500 anos. Tecnologia sem amplo domínio. A China foi buscar os cinco mil anos de vivência. A revolução comunista foi desconhecida. Tempos da Vergonha. A china inventou os tipos móveis, papiro, seda, defesa do povo. Fatos revistos com extrema fidelidade. A tecnologia indica o país como progressista e pacífico. Nada de bomba atômica. O caminho é produzir. Acender a pira foi coisa linda. O atleta suspenso por dois cabos de aço viajou pelo interior do estádio. Não se concebe como aquele guindaste fez a volta seguindo os contornos do ambiente. Depois, o atleta navegou sobre o papiro. Finalmente acende a pira e encanta o povo com a cena. Jogos no horário certo. O lançamento da Olimpíada foi espetáculo impar na tecnologia com delicadeza. Todos os fatos e histórias foram de pureza de apresentação. Espetáculo para não se esquecer. Desfile das representações dos candidatos foi encanto de cobertura da TV. Muita gente sabendo o que fazer no trabalho. Foi encanto de elegância.

A FRASE QUE FOI PRONUNCIADA

“Apesar da lei seca, as pessoas misturam álcool e direção.”

 José Maria Melo, colunista do *Diário do Nordeste* em Fortaleza.


O livro ainda está vivo. Viva o livro!


 JAIME PINSKY
Historiador, doutor e livre docente pela USP, professor titular aposentado da Unicamp

David Lynch é um diretor de cinema conhecido e premiado. Devemos a ele filmes como o surpreendente *O homem elefante*, o violento *Veludo azul* e o emocionante *História real*, entre muitos outros. Contudo, talvez ele seja mais conhecido mundialmente por uma série que dirigiu para a TV, *Twin peaks*, aquela que passou no começo dos anos 90 do século passado sobre uma adolescente assassinada numa cidade pequena. Pois o mesmo David Lynch concedeu uma curiosa entrevista ao jornal *O Estado de S. Paulo*. Perguntado pelo repórter se pretendia voltar a dirigir para a televisão, respondeu que nem para a televisão, nem para o cinema, que, segundo ele, são veículos que caminham para a obsolescência. Agora, diz, filmes devem ser produzidos para serem vistos pela telinha do computador.

O curioso é que a entrevista de Lynch se deveu a um livro que ele lançou em inglês e que deve estar saindo, ou já saiu, em português. Resumindo: para o diretor, o cinema, com pouco mais de um século, e a TV, com cerca de meio século, são veículos superados. Ele está utilizando, para se comunicar com as pessoas, o jornal e o livro, mídias derivadas do sr. Gutemberg, com mais de cinco séculos de existência!

É, o livro em papel impresso continua muito vivo mesmo. Prova disso é a 20ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo, cuja inauguração ocorre quarta-feira, com toda pompa e circunstância e que ficará aberta de 14 a 24 de agosto. Mais uma vez, houve recorde de expositores e de metros quadrados de exposição reservados. O número de livros lançados também será recorde. Nunca, no Brasil, tantos livros, novos e já no catálogo das editoras, estarão à disposição dos leitores. A simples idéia de encontrar num mesmo teto mais de 200 mil títulos me deixa estimulado, e não posso deixar de pensar em roupas confortáveis, sapatos velhos, garrafina de água na mão e cartão de crédito na carteira para enfrentar adequadamente a maratona aeróbico-cultural.

Conscientizando-se, aos poucos, de que o livro pode ser considerado um produto de mercado (menos quando ele é escrito e, principalmente, lido), mas é um produto cultural, os editores têm aproveitado o evento e montado uma grande rede de atividades paralelas à exposição: debates, mesas redondas, palestras, seminários. Salão de Idéias, Espaço Universitário, Café Literário, Fala, Professor são alguns dos nomes sugestivos de atividades que trazem estrelas nacionais e internacionais e que vão discutir temas tão diversos como o novo acordo ortográfico da língua portuguesa, o trânsito nas metrópoles, o futuro do Brasil, métodos para melhorar o ensino básico no país, etc.

Segundo os diretores da Câmara Brasileira do Livro, organizadora do evento, talvez 800 mil pessoas visitem a Bienal. A

seguir dados levantados na feira realizada há dois anos, quatro em cada cinco visitantes comprarão livros, sendo que em cada cinco gastará mais de R\$ 100. São números impressionantes. Que talvez ajudem a superar outros números não tão bons assim. O número de livros vendidos por ano no país (excetuando os adquiridos pelos governos para fins didáticos) não chega a dois exemplares per capita. Eu e meus leitores compramos muito mais do que isso, mas tem muita gente que não compra livro nenhum.

Fala-se muito de amigos do livro. Mas não se deve esquecer que ele tem inimigos também. Inimigo do livro é aquele hotel onde a gente vai passar uns dias e não tem luz de leitura na cabeceira. Tem também os responsáveis pelas salas de espera nos aeroportos, com avisos gritados por vezes estridentes (onde está aquela antiga voz grave e sensual?) e, pior ainda, TV ligada com som alto o tempo todo. Isso vale também para rodoviárias e até para ônibus intermunicipais, agora com a indefectível TV ligada. Todos inimigos. Não a TV em si, mas os responsáveis pela sua má utilização. Descobri mais um inimigo do livro: o maníaco por celular. Sabe quando você está no bem bom de uma praia potiguar? Tomando uma água de coco, sentado ao lado da mulher amada, lendo um belíssimo romance? Ai, do nada, aquela senhora a alguns metros de você liga, aos berros, para alguém da família, para contar como aquilo estava tranquilo e agradável (e até estava antes dela urrar aqueles truismos no celular). Essa também é inimiga do livro. Espero que ela não vá à Bienal.

Política

Assim é bom. Políticos enriqueceram 46% e veadores 135%. Essa é a média da capitalização em dois anos, premiando os esforços dos legisladores do Ceará. O cálculo é feito pela declaração de bens depois da eleição e, agora, mostrando que o trabalho pode não ter sido produtivo. Vantajoso, sim.

Correios

Alguns assinantes da internet estão recebendo mensagens estranhas. A procedência é (*mail:telegramas@web-correios.com*) e diz que a mensagem está cheia de novidades, mas uma coisa não mudou. Quem recebe, lê. Parece notícia do interesse de quem envia, ou vírus.

Arquitetura

Pequim está embevecida com a arquitetura ocidental. Graças à geração do Ocidente, a capital chinesa está apresentando nova visão. O aspecto da cidade está enchendo os olhos dos profissionais chineses. Aproveitem para estudar os traços da modernidade.

Prosperidade

A Votorantim adquiriu por R\$ 2,7 bilhões as ações da família norueguesa Lorentzer. Dessa forma, Antonio Ermírio de Moraes

estende seus negócios ao campo internacional. Não pisca o olho enquanto faz negócios. A Aracruz poderá entregar 56% das ações, mudando de controle.

Automóveis

Nos últimos sete meses, a indústria automobilística do Brasil produziu mais de 2 milhões de veículos. Passa a ser o sexto produtor de carros, tratores e caminhões do mundo. O Brasil deixou a indústria francesa para trás.

Eficiente

A AmBev anunciou esta semana investimento de R\$ 206 milhões na área de responsabilidade socioambiental para 2008. No documento, a filial Brasília é destaque no índice de consumo de água. Em 2007, a unidade alcançou índice de 3,26 litros de água para cada litro de cerveja produzido, tornando-se referência para as demais fábricas da companhia. Nos últimos cinco anos, a AmBev reduziu em 22% o consumo de água.

Teoria

Índice de Preços ao Consumidor Amplo. Esse é o indicador usado pelo governo para traçar as metas de inflação. A percentagem desacelerou. Passou para a variação de 0,53% em julho. Vale lembrar que esse é o índice oficial.

HISTÓRIA DE BRASÍLIA

A Vascal, por sua vez, informa que os funcionários responsáveis pelo roubo do Jeep de suas oficinas foram demitidos, imediatamente ao término do inquérito interno, que findou com a culpabilidade dos mesmos. E mais: está construindo a sede na Avenida W 3, onde espera servir melhor aos clientes, já tendo para isso tomado todas as providências. (Publicado em 7/1/1961)